

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM NORMAL SUPERIOR

ELINE SILVA CARVALHO

**LETRAMENTO: uma contribuição para a formação de escritores e leitores nas séries
iniciais**

PARNAÍBA – PI
2011

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº 1710
CDD 372.4
CUTTER @3312
V 01
Data 23 / 03 / 2012
Visto *Jane*

011 - PHO

-

-

-

3
23

ELINE SILVA CARVALHO

**LETRAMENTO: uma contribuição para a formação de escritores e leitores nas séries
iniciais**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do
Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Normal Superior.

PARNAÍBA – PI

2011

ELINE SILVA CARVALHO

LETRAMENTO: uma contribuição para a formação de escritores e leitores nas séries
iniciais


Monografia apresentada à Universidade Estadual
do Piauí, como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciada em Normal Superior.

Orientador:

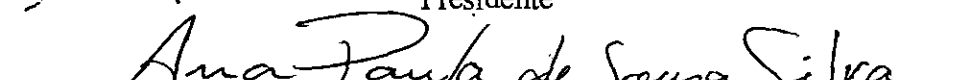
Prof. Esp. José Marcelo Costa dos Santos

Aprovada em 13 / 12 / 2014

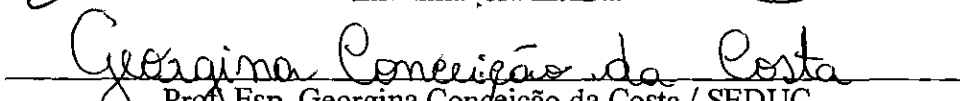
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. José Marcelo Costa dos Santos / UESPI
Presidente



Prof. Esp. Ana Paula de Sousa Silva / UESPI
Examinadora Interna



Prof. Esp. Georgina Conceição da Costa / SEDUC
Examinadora Externa

Catálogo na Fonte
Setor de Processos Técnicos da Biblioteca Central - UESPI

C3311 CARVALHO, Eline Silva

LETRAMENTO: Uma Contribuição Para a Formação de Escritores e Leitores nas Séries Iniciais./Eline Silva Carvalho – Parnaíba, 2011. 68p.

Monografia Apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior – Universidade Estadual do Piauí, 2011.

Orientador. Prof: José Marcelo Costa dos Santos.

01. Letramento, 02. Leitura, 03. Escrita.

CDD – 372.4

Todo o esforço para execução deste trabalho é dedicado à minha extraordinária família; aos meus pais, José Wilson e Maria Helenice, que me educaram com seus exemplos, ensinando a amar e a respeitar o próximo.

A minha amada filha Ailani, que é fonte infinita de inspiração e persistência.

As minhas queridas irmãs, Elis Cristina e Analiny, amigas escolhidas por Deus, que sempre me ajudaram e incentivaram quando eu mais necessitei de apoio.

Ao meu irmãozinho, Wilson Ronalte, que muito cedo deixou-nos, porém continua presente em nossa vida (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um dos mais belos gestos que fazem parte da vida do ser humano. Neste momento agradeço inicialmente a Deus, por ter me dado a oportunidade de vencer todos os obstáculos percorridos nesta trajetória acadêmica, sendo meu amparo minha força e fonte de esperança.

Ao meu orientador professor José Marcelo Costa dos Santos a minha eterna gratidão, pela dedicada parceria, pela rica contribuição humana e intelectual ao longo da execução deste trabalho. Sendo paciente, compreensivo e confiante neste momento primordial de minha vida.

Aos meus queridos e íntimos amigos do Curso Normal Superior: Deusenir, Raquel, Keline, Alice, ÉriSSa, Fabrício e Aline, que durante esses três anos estiveram ao meu lado transmitindo confiança, carinho, alegria e que torceram e contribuíram para essa vitória.

Aos professores e alunos da escola pesquisada; à professora especialista, Francinete Teles, à minha prima Solange e meu colega de infância, Francisco, que se disponibilizaram e contribuíram de maneira significativa na construção desse trabalho. A todos agradeço o apoio.

“(...) Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo (delinear o mapa de quem você é), e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser”.

Magda Soares

RESUMO

O referido trabalho teve como objetivo investigar se os professores das séries iniciais adotam o letramento em sua prática docente, de modo a contribuir para a formação de escritores e leitores, tendo em vista que o letramento se faz necessário no âmbito escolar, pois facilita a leitura e a escrita dos educandos, propiciando aos mesmos uma aprendizagem significativa e funcional. Baseados em teóricos como: Soares (2004); Tfouni (2005); Kleiman (1995), Simonetti (2007), entre outros, os quais nos deram o respaldo teórico necessário ao direcionamento e à compreensão da temática em foco, realizamos uma pesquisa de campo, desenvolvida em uma escola pública da cidade de Parnaíba-PI, onde contemplamos um estudo de caso de natureza qualitativa e quantitativa. Nossa investigação contemplou a observação não participativa em sala de aula, a aplicação de questionário, bem como a realização de entrevista semi-estruturada. Submetemos os dados coletados a uma análise teórica de acordo com as categorias criadas ao longo do trabalho, por meio da qual o leitor tende a ser levado a ricos momentos de reflexão e aprendizado acerca da temática do letramento nos primeiros anos de escolarização da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento, Leitura, Escrita.

ABSTRACT

The objective of this work was to investigate teachers in early grades adopt literacy in their teaching practices, to contribute to the formation of writers and readers taking into consideration that the literacy is needed in the needed in the school, because facilitate the reading and writing of students, providing them with a meaningful learning and functional. Based on theorists such as: Soares (2004); Tfouni (2005); Kleiman (1995); Simoneti (2007), among others, which gave us the support necessary theoretical to direction and understanding of the subjective in focus, conducted the field research, its developed in a public school in Parnaíba-PI, which contemplates a case study of qualitative and quantitative. Our investigation contemplated an observation non-participatory in the classroom, the use of questionnaires, just as well the conducting semi-structure interview. Submit data collected to a theoretical analysis according to the categories created during the work, by which the reader tends to be taken productive time of reflection and learning on the theme of literacy in the first school years of the child.

KEY WORDS: literacy, reading, writing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I	
1.1. TRATAMENTO DA PESQUISA.....	12
1.1. A pesquisa como ferramenta nos estudos acadêmicos	12
1.2. Natureza da Pesquisa.....	13
1.3. Metodologia Aplicada	14
1.3.1. A observação não participante.....	14
1.3.2. O questionário misto.....	15
1.3.3. A entrevista semi-estruturada	16
1.4. Universo da Pesquisa.....	18
1.5. Sujeitos da Pesquisa	19
1.5.1. O perfil dos alunos.....	19
1.5.2. O perfil das professoras observadas	20
1.5.3. O perfil da especialista entrevistada	20
CAPITULO II	
2. A FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES NAS SÉRIES INICIAIS – OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO LETRAMENTO	22
2.1. Letramento: histórico e concepções	22
2.2. Concepções de Leitura	24
2.3. Concepções de Escrita.....	26

2.4. Alfabetização e Letramento.....	27
2.5. Letramento e as práticas do professor nas séries iniciais	29

CAPITULO III

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA	32
3.1. A prática docente observada.....	33
3.2. Análise do questionário aplicado com as professoras	33
3.2.1. A concepção de letramento das educadoras	34
3.2.2. As práticas sociais de leitura utilizadas no trabalho docente.....	35
3.2.3. Procedimentos utilizados no processo de letramento	36
3.2.4. Dificuldades dos alunos para ler e interpretar gêneros.....	37
3.2.5. Técnicas de intervenção.....	38
3.2.6. Aspectos relevantes da prática docente	39
3.2.7. Frequência das atividades de leitura e de escrita no processo de letramento	40
3.3. Análise dos questionários aplicados com os alunos	41
3.4. Visão da especialista: resultado da entrevista	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
APÊNDICES	60
ANEXOS	66

INTRODUÇÃO

Apesar das transformações ocorridas na educação brasileira, o que vem se constatando é um domínio precário, em relação ao ensino de Língua Portuguesa, da leitura e da escrita. Partindo de observações feitas durante estágios anteriores, vimos que as práticas que os educadores vêm desenvolvendo no processo de ensino aprendizagem dos alunos nas séries iniciais, não estão trazendo resultados satisfatórios.

Neste contexto é fundamental que a escola desenvolva um trabalho voltado para essas práticas, promovendo um maior contato dos alunos com diversos materiais que facilite a leitura e a escrita, não se restringindo somente a livros, mas que vá além desses suportes.

É neste contexto que inserimos o termo *Letramento*, surgido em meados dos anos 80, por meio do qual o educando passa a entender o funcionamento da leitura e da escrita no processo de ensino e de aprendizagem, onde o educador é o mediador no desenvolvimento deste processo através de sua prática pedagógica.

Sabemos que, para que os alunos aprendam de modo satisfatório a funcionalidade da leitura e da escrita, é preciso que o educador privilegie em sua prática a alfabetização e o letramento, e é neste ponto que surge o desafio para os educadores no ambiente escolar. Trata-se, portanto, de dois processos diferentes, porém complementares e inseparáveis.

Partindo do exposto, concebemos que a escola deve realizar um trabalho voltado para a participação de seus alunos no contexto das práticas sociais de leitura e escrita, excluindo então, aquela ação pedagógica de cunho tradicionalista, onde aprender a ler era decodificar os sinais gráficos e aprender a escrever era codificar os sons da fala em sinais gráficos.

Diante dessa problemática, faz-se necessário trabalhar na perspectiva do letramento, sendo este um processo de fundamental importância na aprendizagem dos alunos, uma vez que, quando bem executado, desenvolve habilidade e competências essenciais à formação do discente.

Neste sentido, foi nossa intenção desenvolver o projeto de investigação educacional o qual teve como objetivo geral, investigar se os profissionais de educação de uma escola, na cidade de Parnaíba-PI, adotam o letramento em sua prática docente, contribuindo assim para a formação de escritores e leitores nas séries iniciais. Como objetivos específicos,

contemplamos os seguintes: investigar como os professores trabalham as questões relativas ao letramento na escola; verificar se a escola favorece a questão do letramento na sua proposta pedagógica e identificar quais os gêneros textuais que os professores costumam utilizar em suas aulas.

A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2011 em uma escola pública da cidade de Parnaíba, a qual denominamos por meio da sigla “PR”. Nesta instituição, observamos a metodologia de duas professoras do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, respectivamente. Para a coleta de dados utilizamos observações das aulas de Língua Portuguesa, aplicação de questionários com as educadoras acima e com os alunos e realização de uma entrevista com uma professora especialista. A pesquisa apresentada constitui um estudo de caso, de abordagem qualitativa e quantitativa.

A presente dissertação monográfica está dividida em três capítulos: o primeiro caracteriza o tipo de pesquisa utilizada, os sujeitos envolvidos e as técnicas usadas para a realização da investigação. O segundo capítulo consiste no percurso teórico com base em estudiosos da temática em pauta, onde destacamos o histórico e concepções do letramento; concepção de leitura; concepção de escrita; letramento e alfabetização; e letramento e a prática social do professor nas séries iniciais. No terceiro capítulo, apresentamos a análise e discussão dos dados coletados confrontado com a visão dos teóricos.

Além das considerações finais, onde fizemos um resumo geral de todo o trabalho, há ainda os apêndices (os quais trazem os modelos de questionários e o roteiro da entrevista executados durante a pesquisa) e os anexos (nos quais estão expostos termos de natureza concessiva e autoral). Esta monografia é indicada a estudantes de educação, bem como educadores da Educação Infantil, dos anos iniciais do Ensino Fundamental e professores de Língua Portuguesa, além de pesquisadores da prática docente voltada ao Letramento.

CAPITULO I

1. TRATAMENTO DA PESQUISA

O propósito deste trabalho é verificar a abordagem do Letramento como o ensino de Língua Portuguesa voltado para a formação de escritores e leitores competentes nas séries iniciais. Nessa perspectiva, trilhamos percurso metodológico organizado, composto de etapas, instrumentos e procedimentos.

De acordo com Minayo a metodologia (2007) é considerada como o caminho do pensamento e a prática exercida na aproximação da realidade. Trata-se das exigências entre a teoria dos métodos e a operacionalização do conhecimento. Na realidade, a metodologia é muito mais que técnicas, pois inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.

Neste capítulo abordaremos o referencial metodológico da pesquisa aplicada, no qual trataremos o tipo de pesquisa escolhida e os instrumentos utilizados para a coleta de dados, necessários para o desenvolvimento deste trabalho. Nossa abordagem neste campo tem o respaldo, dentre outros, de Severino (2007); Marconi e Lakatos (2010); Gil (2007) e Moreira e Caleffe (2006).

1.1.A pesquisa como ferramenta nos estudos acadêmicos

A pesquisa é muito utilizada pela sociedade moderna, principalmente nos meios acadêmicos, pois a mesma é fonte de resultados reais e significativos para a ciência. Marconi; Lakatos (2010, p. 43) conceituam a pesquisa como:

Um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos [...].

De acordo com as autoras, a pesquisa é um procedimento reflexivo e sistemático, que procura descobrir novos fatos ou dados nas mais diversas áreas de conhecimento, todavia, a pesquisa se inicia em virtude de algum problema ou indagação.

A pesquisa tem como objetivo “proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2007, p. 17). Esta é solicitada quando não se tem informação suficiente para solucionar os problemas, quando não tem argumentos ou respostas que justifiquem a situação. Para realizar uma pesquisa é preciso detectar o problema, utilizar métodos, técnicas até chegar aos resultados.

Ao ingressar no ensino superior, obviamente espera-se que o sujeito se profissionalize através de métodos e conteúdos e que se torne um cidadão crítico e reflexivo. No âmbito universitário, a educação se baseia em ensino, pesquisa e extensão. A respeito disso Severino (2007, p. 24) diz que “na Universidade, ensino, pesquisa e extensão efetivamente se articulam, mas a partir da pesquisa, ou seja: só se aprende, só se ensina, pesquisando; só se presta serviços a comunidade, se tais serviços nascerem e se nutrirem da pesquisa”. A pesquisa na Universidade é de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem do indivíduo, o aluno precisa dela para aprender eficazmente, aprender significa construir o objeto, no entanto só se constrói o objeto se houver a pesquisa.

1.2.Natureza da Pesquisa

Em virtude da necessidade de investigar o *Letramento*, como prática de leitura e escrita, voltado para formação de leitores e escritores no Ensino Fundamental, utilizamos em nossa pesquisa o estudo de caso, de abordagem qualitativa e quantitativa.

Para Ponte (2006, p. 2) o estudo de caso é considerado como:

Uma investigação que se assume como particularista, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para compreensão global de certo fenômeno de interesse.

Este tipo de pesquisa visa investigar um caso particular para descobrir informações significativas, procurando compreender ou descrever os resultados obtidos no contexto pesquisado mediante a coleta de dados. Para Severino (2007, p. 121) “[...] a coleta de dados e suas análises se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral”, onde o pesquisador não precisa intervir no contexto observado, mas procura conhecer como surge. Nossa pesquisa contemplou *aspectos quantitativos*, pois traduzimos em números opiniões e informações para classificá-los e organizá-los, mediante métodos estatísticos, bem como *aspectos qualitativos*, uma vez que consideramos a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e sujeito.

1.3. Metodologia Aplicada

Para coletar dados foi necessário utilizar técnicas que conduziram à realização da pesquisa. Sendo assim, para alcançarmos nossos objetivos nesse estudo, utilizamos os seguintes instrumentos: a observação não participativa, o questionário e a entrevista, de modo a proporcionar as informações que pretendíamos conseguir.

1.3.1. A observação não participante

Para Severino (2006, p. 125) “a observação é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É a etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa”. Essa técnica de pesquisa necessita de um contato face a face entre o pesquisador e o que está sendo observado.

A observação não participante é uma técnica utilizada para coletar dados que determina a realidade do contexto observado. Neste tipo de observação o pesquisador não interfere na dinâmica escolar dos participantes do estudo (MOREIRA e CALEFFE, 2006, p. 195). Isto é, o pesquisador não interage de forma alguma com os participantes, consiste apenas em observar o comportamento dos mesmos, fazendo-se de ouvinte para examinar os fatos ocorridos durante a investigação. Neste tipo de observação o papel do pesquisador é

observar e registrar os dados necessários para obtenção de hipóteses acerca do problema pesquisado.

Foram observadas dez horas/aulas de Língua Portuguesa nas turmas do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Essa técnica de coleta de dados possibilitou um contato com a realidade pesquisada, focando as práticas de letramento nos ambientes observados.

Através da observação verificamos a realidade dos fatos, o comportamento dos participantes, o ambiente onde foram conduzidas as observações, etc. As observações se deram por meio de anotações em um diário de bordo, nele constam o dia, a hora, o local e duração das observações.

1.3.2. *O questionário misto*

O questionário é um instrumento de coleta de dados considerado popular, pela facilidade de ser aplicado pelo pesquisador. Nele deve conter um número de perguntas sobre o assunto que se pretende pesquisar, as quais o sujeito escolhido terá que responder. Nesse sentido Marconi e Lakatos (2010, p. 111) nos dizem que “o questionário deve ser constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”. Portanto, tem como vantagem a ausência do pesquisador enquanto está sendo preenchido.

É importante enfatizar as instruções que Tartuce (2008, p. 51) revelam que, “o questionário deve esclarecer o propósito da aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento”. Pois ele é o resultado da elaboração e da aplicação de uma sequência de questões que devem ser respondidas por escrito pelo informante, logo, deve ser objetivo, limitado em extensão, acompanhado por uma carta explicativa com instruções. Na visão de Gil (2007, p. 115) “o questionário é umas das técnicas mais rápidas e baratas de se obter informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato”.

Severino (2007, p. 125) ressalta que o questionário se caracteriza por ser:

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas.

Na elaboração do questionário é importante selecionar as perguntas mais relevantes com o assunto que se deseja pesquisar, estas devem ser claras e objetivas, pois facilitará a compreensão do entrevistado em transmitir seus conhecimentos. É importante também deixar claro para o informante o seu anonimato, para que este se sinta mais tranquilo ao responder as questões.

O questionário aplicado com as professoras contemplou oito perguntas, sendo duas fechadas e seis abertas, que permitiu conhecer o perfil e o trabalho executado por elas no processo do letramento, através das questões enfocamos: nome, formação, tempo de trabalho etc.; concepção de letramento; as práticas sociais de leitura utilizadas no trabalho docente; procedimentos utilizados no letramento; dificuldades dos alunos para ler e interpretar gêneros; técnicas de intervenção; os aspectos relevantes em sala de aula e a frequência que trabalha a leitura e escrita no processo de letramento.

O questionário dos alunos foi aplicado nas salas de aulas no último dia de observação, nele continha dez perguntas, sendo cinco questões fechadas e cinco abertas, onde procuramos saber: nome e idade; o gosto pela leitura; contato com os tipos de livros em sala de aula; os gêneros que mais gosta de ler; a frequência que o professor trabalha a leitura e escrita em sala de aula; se gosta como o professor trabalha a leitura e escrita na turma; acesso de materiais de leitura em casa; materiais de leitura que a professora costuma utilizar e que justificasse a importância da leitura em sua vida. Ambos nos permitiu um profundo conhecimento para desenvolver este trabalho.

1.3.3. A entrevista semi-estruturada

Segundo Moreira e Caleffe (2006, p. 166): “A entrevista é muito usada em quase todas as disciplinas das Ciências Sociais e na pesquisa educacional como uma técnica chave na

coleta de dados”. A mesma caracteriza-se pelas diferentes maneiras de ser aplicada, entre as quais estão a natureza das perguntas, o conhecimento do entrevistador sobre o entrevistado e o número de pessoas envolvidas. Pode ser aplicada diretamente pelo pesquisador.

Na concepção de Marconi e Lakatos (2010, p. 111) “a entrevista é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”. Portanto, a entrevista é considerada como uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito, afim que uma delas obtenha informações, opiniões, depoimentos, posicionamento a respeito de um determinado assunto.

Dentre as alternativas, optamos em utilizar a entrevista semi-estruturada, a qual foi realizada com uma professora especialista, que trabalha diretamente com nosso objeto de investigação: o letramento. A respeito da entrevista semi-estruturada Severino (2007, p. 125) diz que:

São aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se mais do questionário, embora sem a impessoalidade deste. Com questões bem diretivas, obtém, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizavam, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais.

Neste tipo de entrevista o pesquisador propõe uma série de perguntas sobre o que deseja aprender, é muito similar ao questionário pelo fato das perguntas e as respostas serem estruturadas, permite ao entrevistado responder as questões livremente sobre os assuntos.

A entrevista semi-estruturada fica entre o meio termo da entrevista estruturada e a entrevista não-estruturada, caracteriza-se por deixar os entrevistados à vontade, sem forçá-lo a responder. Caleffe e Moreira (2006, p.169) propõem que:

Ao usar a entrevista semi-estruturada, é possível exercer um certo tipo de controle sobre a conversação, embora se permita ao entrevistado alguma liberdade. Ela também oferece uma oportunidade para esclarecer qualquer tipo de resposta quando for necessário, é mais fácil de ser analisada do que a entrevista não-estruturada, mas não tão fácil quanto à entrevista estruturada.

Então, como os autores propõem, a entrevista semi-estruturada fica em meio termo entre as demais, com a vantagem de fácil compreensão da informação desejada, pois na medida em que vai acontecendo, é possível refazer a resposta do entrevistado, permitindo esclarecer qualquer resposta, contudo é mais fácil na hora de analisar os dados perante a entrevista não estruturada.

A entrevista semi-estruturada foi formulada com seis perguntas abertas, com o registro das mesmas palavras da entrevistada enquanto expressava suas opiniões, as perguntas abordavam: o papel do professor alfabetizador frente ao letramento; os procedimentos didáticos trabalhados no contexto escolar; dificuldades para alfabetizar e letrar; a teoria que fundamenta seu trabalho; os fatores que ocasionam as dificuldades de leitura e escrita no ensino fundamental e os possíveis procedimentos para contornar essa situação. A mesma proporcionou uma compreensão da realidade e das peculiaridades nas quais apresentam o termo estudado.

1.4. Universo da Pesquisa

A escola pesquisada foi escolhida por oferecer o Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, pertence à Rede Pública Municipal de Parnaíba no Estado do Piauí. A mesma será nomeada por meio do termo "PR". Esta instituição foi fundada na década de 90, está localizada na zona urbana de Parnaíba. Funciona nos turnos manhã (de sete às onze horas) e tarde (de uma às dezessete horas), oferecendo a Educação Infantil e o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano.

Durante sete anos a escola pertenceu à rede privada de ensino, a partir do ano de 2002 passou a pertencer à esfera municipal. No início do ano letivo foram matriculados duzentos e vinte sete alunos, porém esse número cresceu devido ao ingresso de novos discentes. A faixa etária dos alunos para Educação Infantil é de três anos e meio a cinco anos e para o Ensino Fundamental é de seis a quinze anos, estes estão distribuídos em onze turmas.

Fazem parte do corpo docente da escola, dez professores, todos com curso superior completo e alguns com pós-graduação, uma diretora, uma supervisora pedagógica, uma secretária e três zeladoras com nível médio. Quanto à estrutura física da escola, esta se encontra em bom estado de conservação, bem ornamentada com desenhos e frases educativas,

contando com sete salas de aulas arejadas e ventiladas, porém, algumas com espaço insuficiente para a quantidade de alunos.

Apenas uma sala funciona como diretoria e secretaria ao mesmo tempo, no entanto, é muito organizada, não é muito arejada e nem ventilada. Ao lado fica um pequeno cômodo que é utilizado como brinquedoteca e biblioteca, onde os alunos brincam com brinquedos educativos e lêem livros infantis na hora do intervalo.

Dispõe de dois banheiros, um para os alunos que se divide em *masculino* e *feminino* e o outro para os professores e funcionários, utilizados também pelos alunos. A cantina é ampla, limpa e organizada, nela há um pequeno depósito para guardar os mantimentos e os produtos de limpeza. A escola conta com um espaço onde os alunos se divertem na hora do intervalo, contudo, não é coberto.

1.5. Sujeitos da Pesquisa

Neste campo, mencionaremos os sujeitos observados e entrevistados na pesquisa. Contemplamos: duas professoras da escola “PR” (titulares das turmas do 4º e 5º anos); uma professora especialista na área de Pedagogia e de Letras Português e os alunos das turmas do 4º e 5º ano. Por questões éticas preferimos não identificá-los. Por isso, optamos pela utilização de pseudônimos na identificação dos sujeitos envolvidos, exceto a entrevistada a qual, mediante autorização, permitiu que seu nome e suas informações curriculares fossem expostos neste capítulo.

1.5.1. O perfil dos alunos

Os alunos envolvidos nesta pesquisa cursam o 4º e o 5º ano do Ensino Fundamental na escola “PR”. Os mesmos foram questionados sobre práticas de leitura e escrita. Entre as duas turmas participaram do questionário trinta e dois alunos, sendo quatorze do 4º ano e dezoito do 5º ano. A faixa etária é de oito a dezesseis anos, sendo que no 4º ano (alunos de oito a dezesseis anos) a distorção de série idade é maior que do 5º ano (de dez a doze anos).

Trata-se de alunos que pertencem à classe média, que residem em bairros desenvolvidos e próximos à escola, porém, alguns dependem de ônibus escolar, pois moram em bairros vizinhos de famílias bem diversificadas e parentescos próximos.

Na sala de aula, o comportamento é flexível, hora são calmos, participam da aula dando suas opiniões, fazem as tarefas, e hora apresentam-se agitados, com conversas paralelas, sem interesse de praticar a leitura e a escrita. A relação entre eles é boa, embora haja momentos em que trocam insultos e ameaças, principalmente entre os meninos. Muitas vezes a professora precisa intervir para que os mesmos se respeitem.

1.5.2. O perfil das professoras observadas

As professoras observadas atuam, respectivamente, no 4º e no 5º ano do Ensino Fundamental da referida escola. Estas nos deram informações através dos questionários sobre sua formação acadêmica e o tempo de profissão.

Para resguardar a identidade das envolvidas na pesquisa, as denominaremos, por meio dos pseudônimos: “*Leitura*” e “*Escrita*”. A professora “*Leitura*” é graduada em Licenciatura Plena em Normal Superior, Leciona há vinte e quatro anos e há doze anos atua nas séries iniciais, é efetiva do município de Parnaíba e já participou de capacitação com enfoque em Letramento. Já a professora “*Escrita*” é graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia e está se especializando em Docência do Ensino Superior, leciona há dez anos nas séries iniciais, é efetiva do mesmo município e também já participou de capacitação com enfoque em Letramento.

1.5.3. O perfil da especialista entrevistada

A professora entrevista foi a educadora Francinete Teles da Silva, graduada em Licenciatura Plena em Letras-Português pela Universidade Estadual do Piauí e em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí.

É pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Piauí, e possui Formação Complementar em Letramento pelo Instituto Qualidade na Escola – o IQE. A mesma leciona há nove anos, sendo três anos no Ensino Infantil e seis anos no Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano. Atualmente é funcionária da SEDUC/Prefeitura de Parnaíba-PI e da SEDUC/ Prefeitura de Ilha Grande-PI, exercendo a função de docente.

CAPÍTULO II

2. A FORMAÇÃO DE ESCRITORES E LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS – OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE O LETRAMENTO

2.1. Letramento: histórico e concepções

O termo *Letramento* teve sua origem no Brasil há pouco tempo, por volta da metade do século passado, mais especificamente em 1986. Foi inserido no âmbito educacional por especialistas da Ciência Linguística e da Educação, quando passaram a conceber que nas sociedades modernas, não bastava apenas o indivíduo ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, era preciso letra-se. Para Soares (2004, p. 36-37):

Letramento é o estado daquele que não só sabe ler e escrever, mas que também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita e que ao forma-se letrado, muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura.

Segundo a teórica, não basta o indivíduo ser apenas alfabetizado, isto é, capaz de decodificar símbolos (letras e palavras), mas utilizar esse domínio como agente transformador de sua condição social e cultural por meio da linguagem verbal. Tal capacidade permite ao homem tornar-se um cidadão atuante, participativo e autônomo na sociedade. Para Marcuschi (2005, p. 21) o letramento é:

Um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para uso utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, *letramentos*, como bem disse Street (1995). Distribui-se em graus de domínio que vão de um patamar mínimo a um máximo.

Neste conceito o autor destaca a importância do letramento como uso utilitário da leitura e da escrita nas práticas sociais. Assim, aprender a ler e a escrever não se restringe a

apenas dominar o código alfabético e as sentenças por ele formadas, mas utilizá-los como mecanismos úteis no cotidiano.

Em seus primeiros registros, a definição de *Letramento* começou a ser publicado no Brasil a partir da obra de Mary Kato *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, editora Ática, 1986, em que a autora levanta a asserção de que a língua falada culta é consequência do letramento, deixando claro que é função da escola formar cidadãos letrados. Ainda na mesma década surge o livro *Adultos não Alfabetizados: o avesso do avesso*, Editora Pontes, 1988, de autoria da Leda Verdiani Tfouni, onde a mesma, logo na introdução, apresenta a diferença entre alfabetização e letramento. Na década seguinte, Ângela Kleiman expande a obra *Os significados do letramento*, Mercado das Letras, 1995, e Magda Soares *Letramento : um tema em três gêneros*, Editora Autêntica, 1998, as quais expandem as discussões e reflexões teóricas e metodológicas do fenômeno letramento.

As referidas obras são de grande valor para os pesquisadores que desejam se aprofundar no tema em estudo, uma vez que de posse dos ensinamentos de tais produções será possível compreender a finalidade e o significado do ato de letrar, repensando e aprimorando essa atividade no que diz respeito às práticas de leitura e escrita na escola como função social.

Segundo Soares (2004), a palavra letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa "*literacy*", a qual caracteriza a pessoa capaz de ler e escrever. Assim, entendemos que a alfabetização tem uma conexão com o letramento. Por ser um tema novo o mesmo só foi registrado em 2001, quando Dicionário Houaiss registrou as palavras *letramento* e *letrado*, definindo letramento como um conjunto de práticas que denota a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito (SOARES apud SIMONETTI, 2007, p. 21). Como podemos perceber o significado que o Houaiss atribuiu ao termo letramento foi o que se aproximou mais de sua concepção. Nesse sentido, Kleiman (1995, p. 19), postula "Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos". Ou seja, o letramento compreende as práticas sociais de leitura e escrita, postas em ação nos diferentes contextos de nossas vidas.

Na concepção de Silva (2009), a dimensão social do letramento refere-se à prática social, ou ao que as pessoas fazem com as habilidades e os conhecimentos de leitura e escrita. Através do letramento podemos interagir com o meio em que vivemos, fazendo uso das habilidades de leitura e de escrita na sociedade.

O letramento atribui ao sujeito diversas capacidades, como: refletir, interpretar; ler e compreender textos; fazer leitura de mundo; função social; respeito às diferenças culturais; práticas sociais que utilizam a escrita; libertação e construção da autonomia. Daí sua grande importância na aprendizagem escolar.

2.2. Concepções de Leitura

Durante algum tempo, na história da leitura, ler representava pronunciar em voz alta as letras grafadas no papel. No entanto, Kleiman (1995) diz que as teorias mais recentes concebem o ato de ler como atribuição voluntária de sentido a escrita, entendendo a leitura também como prática social.

O ato de ler, sem dúvida, está relacionado com a escrita, no entanto, essa surgiu devido à necessidade de compreender e dar sentido ao que e a quem nos cerca. Segundo Martins (2007), esses também são os primeiros passos para aprender a ler. Através da leitura podemos ampliar nossos conhecimentos prévios em novos conhecimentos, permite-nos uma visão mais crítica diante da sociedade.

Por essas razões Freire (2008) propõe uma concepção de leitura que se distancia dos tradicionais entendimentos de que ler é apenas decifrar sinais, defendendo que a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive. (FREIRE, 2008, p. 20) “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquela”. Com esta afirmativa o teórico deixa claro que antes de aprender a ler palavras, o indivíduo realiza a leitura de mundo, através de um olhar, de um gesto, que são os saberes adquiridos na vida diária. A leitura de mundo é fundamental para a compreensão do ato de ler e de escrever, pois a partir desta, podemos reescrever e transformar o nosso mundo, através de uma prática consciente.

A leitura como prática social envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor, isto é:

[...] a leitura trata de uma atividade que depende de processamento individual, mas se insere num contexto social e envolve disposições

atitudinais, capacidades relativas à decifração do código escrito e capacidades relativas à compreensão, à produção de sentido, [...] abrande, portanto desde capacidades necessárias ao processo de alfabetização até aquelas que habilitam o aluno à participação ativa nas práticas sociais letradas, ou seja, aquelas que contribuem para o seu letramento (BATISTA, 2005, p. 39).

É através da leitura que os educandos se apropriam do mundo letrado, pois através desse ato podemos ampliar nossa visão de mundo, estimulando o desejo por outras leituras, exercitando a fantasia e a imaginação, compreendendo fala e escrita; enfim, é através dela que o aluno interagirá diante das práticas sociais letradas, ou seja, aquelas que contribuem para o seu desenvolvimento.

A leitura tem o poder de transformar o indivíduo em um ser capaz de modificar sua realidade. Sabemos que a aquisição da mesma não é tarefa fácil, por isso se constitui hoje como uma das principais dificuldades encontradas na escola. Portanto, para formar leitores competentes nas séries iniciais, a escola deve propiciar aos alunos atividades variadas de leitura, capazes de habilitá-los ao letramento.

O PCN de Língua Portuguesa (1997, p. 37) aponta a leitura como prática social, a qual deve ser concebida como um meio, nunca um fim. Ninguém aprende a ler por aprender, mas sim com a finalidade de utilizar a leitura em prol de um ou vários objetivos.

De acordo com Silva (2005, p. 64):

A leitura (ou a resultante do ato de se atribuir um significado ao discurso escrito) passa a ser, então, uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita; a experiência dos produtos culturais que fazem parte desse mundo só é possível pela existência de leitores. Daí ser a escola uma instituição formal que objetiva facilitar a aprendizagem não só do falar e ouvir, mas principalmente do escrever e ler.

De acordo com o autor, a leitura é um meio social em que o sujeito, ao se apropriar desse ato, passa a interagir na sociedade através de suas práticas ou eventos sociais, e ao mesmo tempo interage com a escrita, porém, esses processos de leitura e escrita só se

realizam se existirem leitores, então cabe a escola despertar no aluno o gosto de ler e escrever, práticas de letramento.

2.3. Concepções de Escrita

Assim como a leitura, a escrita também faz parte do ato de letrar. Segundo Silva (2005), ler e escrever são processos indissociáveis, um não pode existir sem o outro. Ao ensinar o aluno a ler e escrever, o professor o insere nas diversas práticas de letramento.

Vivemos numa sociedade que chamamos *grafocêntrica*, onde a escrita está presente em todos os lugares no dia a dia dos cidadãos, trazendo informações desde no ponto de ônibus, no serviço público com a comunidade, no parquinho e em demais lugares, através da escrita o indivíduo é capaz de se relacionar no contexto social.

Ao permitir que o sujeito interprete, deduza, sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se, reivindique, e garanta a sua memória, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código (SOARES, 2004). Portanto, aprender a ler e escrever não resulta em apenas conhecer o alfabeto, decodificando e codificando-o, mas utilizando esse conhecimento em prol da comunicação no contexto cultural.

No tocante à concepção de escrita, podemos encontrar diferentes abordagens. Segundo Marcuschi (2008, p. 16), “[...] ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural.” Nesse sentido, a escrita é a porta para o universo das práticas sociais letradas, tendo em vista que a mesma é essencial a sobrevivência no mundo moderno. Ainda Segundo o autor, a escrita chegou a simbolizar a educação, desenvolvimento e poder.

O letramento como consequência da escrita se faz necessário na formação do educando, pois o mesmo contribui para uma nova maneira de ensinar, não só a leitura, mas também a escrita. Segundo Silva (2009, p. 80):

Escrever, por sua vez, significa obter também habilidades e conhecimentos, porém estes são diferentes da leitura, pois compreendem as habilidades de transcrever sons, comunicar-se adequadamente com outros leitores, relacionar unidades sonoras e símbolos escritos com o objetivo de expressar ideias e organizar o pensamento.

Nesta perspectiva, o letramento pode contribuir para desenvolver essas habilidades que compõem a escrita, utilizando-se dos diferentes textos escritos, a partir dos quais os alunos poderão compreender o uso social da escrita.

Segundo Marcuschi (2008), a escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, em paralelo com a oralidade. Estes contextos são: o trabalho, a escola, o dia a dia, a família, a vida burocrática e a atividade intelectual. É inevitável não fazermos uso da escrita e da fala onde quer que formos, elas estarão presente em cada um desses contextos: em um documento, em um bilhete, no cheque, contas a fazer, em histórias para contar, enfim, em diversas situações nas quais haja comunicação verbalizada. O fato é que para cada situação há uma forma diferente de nos expressarmos, os contextos em que se manifestam a linguagem formal e a não formal devem ser esclarecidos e transmitidos pelas escolas, introduzindo na sala de aula gêneros que façam o aluno perceber a formalidade e/ou a informalidade que determina cada uma dessas situações.

2.4. Alfabetização e Letramento

Apesar de estarem inevitavelmente ligados entre si, alfabetização e letramento se diferem um do outro. Segundo Tfouni (2005), enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupos de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema por uma sociedade. De acordo com a autora, a alfabetização é um processo individual de aquisição do alfabeto, onde o educando tende a ser capaz de ler e escrever através do sistema de escrita, já o letramento focaliza o aluno que domina a leitura, e que faz o uso competente e frequente da mesma, bem como da escrita, na sociedade.

Embora muitos concebam que o letramento como ampliação ou sinônimo da alfabetização, o ato de letrar vai além da alfabetização, pois ele não acontece apenas durante determinado tempo de vida do discente, ele acontece antes, durante e após a alfabetização. Por isso, Soares (2004) afirma que, letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.

No que diz respeito ao conceito de alfabetização Simonetti (2007, p. 17) diz, o termo alfabetização quer dizer “levar à aquisição do alfabeto, ensinar as habilidades de ler e escrever, processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Portanto, o segredo da alfabetização é ensinar o educando a ler (codificar) e escrever (decodificar), é envolver-se com sons e letras, para em seguida aplicar essas habilidades em sua própria escrita.

O letramento por sua vez, segundo Soares (2004), é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. Além de o indivíduo aprender a ler e escrever ele precisa exercer as práticas sociais que usam a escrita no seu cotidiano.

Diante dos conceitos acima ratificamos que o letramento não é alfabetização, mas a inclui. Em outras palavras: letramento e alfabetização estão associados, logo:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita - a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita - o letramento. Não são dois processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2003, p. 12)

Antes a alfabetização era vista separadamente do letramento, a primeira como aquisição e apropriação do sistema da escrita que resulta no aprender a ler e escrever, e o segundo como saber usar essas habilidades com o convívio de textos variados. Porém, numa visão moderna, a alfabetização e o letramento são simultâneos, um compreende o outro, no

entanto, é preciso conciliar e promover esses processos sem perder a especificidade de cada um.

O sujeito letrado é aquele que ao ler o que está escrito, consegue interpretar e compreender o que leu, fazendo reflexão, comparando e conseqüentemente produzindo. A pessoa letrada torna-se diferente no seu modo de pensar, de agir e de viver na sociedade. É importante ressaltar que uma pessoa alfabetizada nem sempre é letrada e vice-versa, quando uma criança ou um adulto lê o que está escrito e não consegue entender o que leu, isso faz dele um ser alfabetizado, porém não letrado. Ao passo que, se uma criança não alfabetizada finge que lê um livro, passando o dedo na linha do texto e ao narrar à história, a faz entonações da leitura, constitui um caso de uma pessoa letrada sem ser alfabetizada.

Não podemos negar que letramento e alfabetização andem juntos, pois ambos necessitam da influência de um código escrito, esses dois processos são de fato os responsáveis pela entrada do educando no universo da leitura e da escrita: um responsável pela aquisição do sistema convencional de escrita (a alfabetização) e o outro pelo desenvolvimento de habilidades desse sistema nas práticas sociais (o letramento).

2.5. Letramento e a prática do professor nas séries iniciais

O papel do professor é de suma importância no processo do letramento, uma vez que este será o mediador na construção de saberes e ao mesmo tempo um aprendiz, pois ao mesmo tempo em que ensina também aprende.

O educador tem a função de levar o aluno a fazer reflexão crítica sobre suas práticas dentro e fora da escola, possibilitando que este aluno se torne um cidadão ativo e participativo na sociedade o qual está inserido. Contudo, o professor deve compreender que não basta somente alfabetizar os alunos é preciso também letrar. Dessa forma, o ideal seria alfabetizar letrando.

Compartilhamos da ideia de que é mais significativo alfabetizar letrando, isto é, ensinar o discente a ler e escrever diante das práticas sociais de leitura e escrita, desse modo, o sujeito se torna ao mesmo tempo alfabetizado e letrado. O que cabe aos educadores das séries

iniciais é adequar sua prática pedagógica, contemplando esses dois processos que são inseparáveis e complementares.

Para alfabetizar e letrar é preciso que o professor tenha vontade própria, que seja decidido e competente para realizar esse processo de forma significativa, uma vez que na visão de Simonetti (2007, p. 27):

A criança aprende a ler com melhor qualidade, letrando-se e alfabetizando-se num ambiente, “vivo”, que lhe permita ler o mundo com sentimento, com criação, tendo como mediadora uma professora que compreende a indissociabilidade e a especificidade da alfabetização e do letramento, ou seja, que consegue alfabetizar e letrar.

Segundo a autora cabe aos professores levar para sala de aula jornais, placas de rua, revistas, cartas, bilhetes, e-mails, receitas, histórias, etc., recursos que tornarão as aulas mais vivas, onde os alunos irão praticar a leitura e a escrita de forma lúdica, despertando a curiosidade, à vontade e o prazer pela leitura.

Segundo Kleiman (2005, p. 51) “para formar leitores, o professor, além de ser plenamente letrado, é claro, precisa ter conhecimentos necessários para agir como um verdadeiro agente social [...]”. De acordo com mesma, em muitas escolas o letramento é ignorado, além disso, a crença dos professores em que saber decodificar e codificar é equivalente, a saber ler e escrever os leva a um trabalho exclusivo com esses processos, sem levar em consideração a compreensão e a expressão de sentidos. Porém, sabemos que o processo do letramento vai além do domínio do código alfabético, então é importante que o educador desempenhe seu papel de “*agente do letramento* ou *professor letrador*”. Desta forma é preciso promover o letramento nas práticas de ensino, deixando de lado os métodos ineficazes e inserindo novas formas de trabalho pedagógico.

Ao adentrar no contexto escolar esperamos que o educando desenvolva capacidades para falar, ouvir, ler e escrever de forma competente, e isso só será possível se for através das práticas de letramento. É o que Simonetti (2007, p. 24) afirma: “as crianças não precisam aprender primeiro a ler e escrever para depois chegar ao letramento-usar a leitura e a escrita como prática social”. Desse modo, esperamos que a escola enriqueça seus suportes de leitura

e escrita, que vá além do valioso livro didático, levando para sala de aula a leitura dinâmica de jornais, revistas, e-mails, fax, cartas, receitas, músicas, etc.

É importante considerar, que o espaço escolar é responsável pela formação de leitores. Para Carvalho (2005, p. 66) “[...] espera-se que a escola desenvolva processos de letramento, isto é, forme indivíduos capazes de usar a leitura e a escrita para fins escolares, profissionais e culturais”. Para formar sujeitos letrados, é preciso que a escola desenvolva um trabalho gradual e contínuo, com bons e variados textos.

Ao desenvolver as práticas de letramento na escola, o educando terá contato direto com o ato de ler e escrever, através de materiais ricos que circulam no seu cotidiano, com o objetivo de despertar o gosto pela leitura, pois a escola é responsável pelo letramento de seus educandos, e o professor deve inserir o aluno na cultura letrada, partindo da realidade em que o mesmo se encontra.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo iremos apresentar e examinar os dados coletados durante a pesquisa, por meio das observações, dos questionários e da entrevista, e confrontá-los com o referencial teórico utilizado, ratificando assim a finalidade deste projeto, a qual foi investigar as práticas de letramento utilizadas pelas professoras em sala de aula, bem como o gosto pela leitura dos alunos.

Para obtermos as informações ao tema pesquisado, tivemos a permissão da diretora da escola “PR”, bem como a colaboração das professoras envolvidas, garantindo assim clareza e precisão nos dados coletados. Por questões éticas, bem como com intuito de preservar os sujeitos envolvidos na pesquisa, usaremos nomes fantasias para caracterizar a escola, as professoras e os alunos.

A pesquisa teve início com a observação da prática pedagógica das professoras. Entregamos também um questionário para elas, aplicamos um questionário com os alunos, e realizamos uma entrevista com uma professora especialista que não pertence ao quadro de funcionários da escola “PR”.

Nessa perspectiva a coleta de dados foi satisfatória para nosso estudo, e para facilitar o entendimento, apresentamos os resultados e suas respectivas análises, por meio das categorias abaixo:

- Observação da prática docente;
- Análise do questionário aplicado com as professoras;
- Análise dos questionários aplicados com os alunos;
- Visões da especialista entrevistada.

3.1. A prática docente observada

Durante a coleta de dados utilizamos um diário de bordo para registrar as informações ocorridas durante as aulas de Língua Portuguesa. Por meio dele pretendemos relatar o comportamento dos alunos, os materiais utilizados pelas professoras, bem como suas metodologias de trabalho.

Em relação à professora do 4º ano, vimos que ela é muito paciente e calma com seus alunos, em momento algum apresentou alteração de ânimos com os mesmos, a relação professor-aluno é boa. Percebemos um laço de amizade e respeito de ambas as partes. No entanto, a professora do 5º ano é mais alterada, por qualquer motivo grita com os alunos, a relação é razoável, porém há menos afetividade em relação à primeira descrição.

A metodologia aplicada é predominantemente tradicional, às vezes tentam fazer algo diferente, mas o que permanece é o ensino através de leitura de textos dos livros adotados pela escola e exercício de gramática, quando não, enchem o quadro para os alunos copiarem, sendo esta uma forma de mantê-los quietos nas carteiras.

Observamos que os recursos didáticos utilizados por elas são o livro didático, quadro acrílico, pincel e apagador. Sendo que a sala da diretoria/secretaria dispõe de diversos recursos didáticos que poderiam ser aplicados com os alunos.

Nas aulas observadas, as professoras sempre iniciavam com a leitura de textos, porém um deles era através de imagens do qual abordava “os direitos da criança”, o texto fazia comparações com a realidade usando somente as imagens. Este foi um texto bem dinâmico e discutido pelos alunos, por se tratar de algo que faz parte da realidade. Esses são os tipos de texto que os alunos se interessam em ler e que fazem sentido para eles.

3.2. Análise e discussão do questionário aplicado com as professoras

Fizemos uso neste trabalho de um questionário com duas professoras que visou aspectos relevantes ao perfil das mesmas no que diz respeito à sua formação acadêmica,

à quantidade de anos que atuam na área da educação e como suas aulas se direcionam ao tema estudado. A seguir apresentaremos as seguintes categorias:

3.2.1. A concepção de letramento das educadoras

Quanto às respostas obtidas a respeito do conceito do letramento tivemos as seguintes:

Leitura: “Como uma forma de levar o educando ao MUNDO da leitura e escrita, usando a magia de ENSINAR”.

Escrita: “O letramento é a perspectiva construtiva da educação, considerando o significado e o sentido da aprendizagem”.

Podemos analisar as respostas das professoras de maneiras diferentes, percebemos que a *professora Escrita* não foi feliz ao conceituar o termo letramento, fugindo muito de seu foco, que é aquisição da prática do ler e do escrever na sociedade. Porém, a *professora Leitura* foi a que mais familiarizou o contexto de sua resposta, concebendo o letramento como “uma forma de levar o educando ao mundo da leitura e escrita”.

O conceito de letramento é definido por Soares (2004, p. 18) “como o resultado da ação de ensinar a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita”.

Diante concepção da autora, concluímos que o resultado dessa ação é a maneira como o indivíduo interpreta o que ler ou escreve, o estado ou condição que envolve as capacidades de leitura e de escrita que o educando adquire na escola e, conseqüentemente, executa na sociedade. Portanto, é importante e necessário que os educadores possibilitem as práticas de letramento na sala de aula, de modo que o aluno possa situar o texto no seu contexto, ou seja, no seu contexto social. (ROJO, 2009)

3.2.2. As práticas sociais de leitura utilizadas no trabalho docente

Segundo Kleiman (2007), o letramento envolve a participação do educando nas práticas sociais de leitura, as quais envolvem diferentes atividades como, por exemplo: enviar e receber cartas, comentar notícias, recomendar e criticar livros, etc. Baseados nesta concepção, perguntamos às professoras se as mesmas utilizam este procedimento na sua prática docente, bem como que comentassem brevemente o desenvolvimento desse processo. As mesmas apresentaram as seguintes respostas:

Leitura: “Sim, vários e foi excelente”.

Escrita: “Já utilizei comentários de notícias: procuro assistir os noticiários porque os alunos sempre perguntam sobre os mesmos, que acabam em comentários em sala de aula. Também já levei os alunos ao correio do centro o ano passado para enviar cartas um para o outro da sala e todos receberam em casa, porém esse ano fiz somente na sala, porque o correio estava em greve e a pessoa com quem falei, falou que não seria possível”.

Diante do que foi exposto, percebemos que a professora *Leitura* apenas afirmou que já utilizou essa prática, mas não disse e nem comentou como se deu esse processo, talvez por não ter concretamente realizado na sua prática docente, ou por receio de escrever e citar as atividades que realizou, o que não deveria ocorrer, já que afirma que foram várias e que foi excelente.

Já a professora *Escrita* apresenta na íntegra as atividades utilizadas por ela, quando cita que já trabalhou com notícias e cartas e que foi além quando levou os alunos até o correio para conhecer como funciona aquela instituição. Neste sentido sua prática ratifica o pensamento de Kleiman (2007), a qual inquire que o letramento objetiva a reflexão, o ensino e a aprendizagem dos aspectos sociais da língua escrita.

No decorrer das observações, constatamos ainda, que a professora *Leitura* utiliza apenas o livro didático adotado pela escola, pois executa as atividades de leitura e escrita de forma mecânica, desvalorizando os demais suportes; no decorrer das observações a mesma chegou a falar que dias antes tinha trabalhado poesia com os alunos.

Neste sentido, percebemos que somente a professora *Escrita* exerce a prática de letramento, embora com pouca frequência, pois durante as observações a professora trabalhou produção de história em quadrinhos, onde a maioria dos alunos criou situações reais do seu cotidiano.

3.2.3. Procedimentos utilizados no processo de letramento

Ao indagarmos se as professoras utilizam outros procedimentos de letramento com seus alunos, elas apresentaram as seguintes justificativas:

Leitura: “Temos vários procedimentos para desenvolver ainda em sala de aula: cartas, bilhetes, projeto de leitura, criação de poesias e outros”.

Escrita: “Leitura de histórias infantil e recontagem das mesmas; textos jornalísticos: para identificar sobre qual acontecimento e os envolvidos dos mesmos; paródia: músicas que eles gostam de cantar e escrever sobre o trabalho infantil; criação de histórias em quadrinhos, com isso o aluno pode expandir o uso da linguagem, sendo capaz de adequar às diversas situações comunicativas, expressando-se oralmente e por escrito e adquirindo a competência leitora”.

Percebemos nas falas acima, que teoricamente ambas fazem uso das práticas de letramento em sala de aula, todavia, essa afirmação foi refutada pelas menções das respostas anteriores.

A escola tem como função inserir os alunos no processo das práticas sociais de leitura e escrita, é nela que os educandos irão adquirir conhecimentos múltiplos de letramento, para utilizar os mesmos dentro do contexto escolar e na sociedade. Levar a criança a trabalhar com textos variados é possibilitá-la a tornar-se letrada. Neste bojo, Carvalho (2005) sugere alguns textos correntes na vida social, como as narrativas (histórias de vida do nosso cotidiano, contos de fada, lendas), lista de compras, poemas, receita de cozinha, quadrinhas, bilhetes, cartas, telegramas, convites, cartazes, textos de propaganda, textos didáticos, bulas, instruções.

Vimos na fala da professora *Escrita* que ao citar seus procedimentos de letramento: leitura infantil, textos jornalísticos, paródias, músicas e histórias em quadrinhos, a mesma justifica que através dessas práticas o aluno expande sua linguagem oral, adquirindo a competência leitora.

Os procedimentos utilizados pela professora *Leitura* são a carta, bilhetes, poesia e projeto de leitura, porém este último nunca foi aplicado por ela, apenas quando estagiários de outras instituições frequentaram a escola. No que diz respeito à carta e à poesia, os próprios alunos afirmam ter realizado.

3.2.4. Dificuldades dos alunos para ler e interpretar gêneros

Indagamos às educadoras, se seus alunos conseguem ler e interpretar os gêneros que são apresentados nas aulas e quais as principais dificuldades que os mesmos apresentam durante as atividades:

Leitura: “Eles conseguem ler e interpretar bem, já na parte da escrita que surgem bastantes dificuldades.”

Escrita: “A maioria conseguem ler e interpretar, eles tem mais dificuldades na escrita.”

Ambas responderam da mesma maneira, a dificuldade de uma é também a da outra. Portanto, seus alunos conseguem ler e interpretar, contudo, apresentam dificuldades na escrita. Não que a escrita seja menos importante do que a leitura, mas segundo Cagliari (apund. BIZZOTO, 2010, p. 49):

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para formação dos alunos é a leitura. É mais importante saber ler do que escrever. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas se for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve apreender na vida

terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.

Segundo o autor, a leitura é fundamental e de suma importância na vida das pessoas. Aprendemos a ler com um objetivo de saber usá-la, seja através de uma receita, para entender as regras de um jogo, para ler jornais, bulas de remédios, cartazes, etc. Enfim, a leitura que adquirimos na escola se expande no nosso contexto social.

Constatamos que os alunos tanto da professora *Leitura* como da *Escrita*, tem dificuldades não só na escrita como também na leitura, no entanto, mais precariamente na escrita, muitas vezes nem se dá pra entender o que eles escrevem.

3.2.5. Técnicas de intervenção

Quanto às técnicas ou procedimentos de intervenção utilizados por elas para sanar as dificuldades dos educandos no que diz respeito ao letramento, assim responderam:

Leitura: “Leitura é essencial para desenvolver a escrita para se ter um aprendizado no letramento”.

Escrita: “Seleciono vários textos e proponho que os alunos leiam um deles e respondam, por escrito, a questões que buscam informações no texto. Terminada a tarefa, alguns alunos lêem as respostas dadas para que os demais as corrijam”.

O problema foi sanado pela professora *Leitura* através de Leitura, pois a referida profissional considera que o treino constante de leitura é essencial para desenvolver a escrita. Já o da professora *Escrita* procedeu através de vários textos com questões para os alunos responderem. Carvalho (2005, p. 69) considera que:

Para alfabetizar, letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, por exemplo: escrever para alguém que não está presente (bilhetes,

correspondência escolar) contar uma história por escrito etc. Assim a escrita passa a ter função social.

Não adianta ensinar a prática de leitura e escrita se não houver um objetivo real da situação, a escrita só passa a ter função social, se a leitura dos textos forem interessantes e de qualidade para os alunos, dos quais forem de preferência os que envolvem a realidade social a qual os mesmos estão inseridos. Portanto a escola não vai formar alunos leitores só através de textos curtos e que na maioria das vezes não tem sentido para os mesmos, muito menos através de cópias.

Para melhor esclarecer essa situação os PCN's (1997, p. 26) diz “deve privilegiar textos de gêneros que aparecem com maior frequência na realidade social e no universo escolar, tais como notícias, editoriais, cartas argumentativas [...] contos, romances, entre outros”.

Portanto foi observado que os procedimentos utilizados pelas professoras para sanar as dificuldades dos educandos não estão apresentando grandes resultados, os alunos apresentam muitas dificuldades para ler e escrever, não se interessam e nem são motivados a ler os textos dos livros adotado, preferem conversar e desenhar durante as aulas.

3.2.6. Aspectos relevantes da prática docente

Mediante os procedimentos citados na questão anterior, pedimos que elas comentassem os resultados obtidos, os pontos positivos. Foram apresentadas as seguintes respostas:

Leitura: “Estimular o aluno a descobrir a leitura. Bastante projeto de leitura e muita escrita para se ter um bom resultado no letramento”.

Escrita: “Os pontos positivos são: dar para diagnosticar o avanço dos conhecimentos dos alunos, pois são com acertos, erros, dificuldades ou dúvidas que o aluno apresenta que serão evidenciadas significativamente de como ele está interagindo com a aprendizagem. E o que precisa ser melhorado é o compromisso dos alunos para com a aprendizagem e não apenas com o “alcance da média” que eles garantem aprovação”.

Analisando a resposta da professora *Leitura*, percebemos a relação que ela faz ao letramento, que se dá através das práticas de leitura e escrita, porém, seus alunos não são estimulados exatamente como ela diz através de projetos de leitura, uma vez que não se ouviu e nem se viu ser aplicado na turma. A mesma não apresentou pontos positivos de sua pedagogia desenvolvida na sala. Analisando a resposta da professora *Escrita*, podemos conceber que ela apresenta os pontos positivos quando diagnostica o avanço dos conhecimentos dos alunos.

Neste sentido, conforme Bizzoto (2010, p. 45), “O professor deve estimular a criança, valorizando e acreditando que ela é capaz de aprender”. Segundo a autora, para que os alunos tenham uma aprendizagem positiva em relação ao letramento, é importante que os educadores construam um laço de confiança com os mesmos, acreditando na capacidade de aprender, partindo do pressuposto que o aluno é um sujeito pensante, capaz e inteligente.

Entretanto, vimos que os alunos não desempenham a leitura de modo satisfatório, porque suas produções não são valorizadas como deveriam ser pelas educadoras. As mesmas apenas leem e não elogiam seus trabalhos, dessa forma o aluno se sentiu desmotivado e sem interesse para continuar produzindo.

3.2.7. Frequência das atividades de leitura e de escrita no processo de letramento

Para finalizar, questionamos a elas a frequência que trabalham a leitura e a escrita no processo do letramento:

Leitura: “Três vezes por semana”.

Escrita: “Todos os dias”.

Diante do que foi observado, a primeira professora trabalha os três primeiros dias da semana somente com leitura e escrita, mas não voltada para as práticas de letramento, mas para ação tradicionalista de leitura e resolução de questionário. A segunda professora, diz

trabalhar todos os dias a leitura e escrita no mesmo processo, porém observado com pouca frequência.

Diante do exposto, percebemos que o processo de letramento utilizado pelas professoras são bem diferentes, a professora *Leitura* deixa muito a desejar, pois não trabalha na perspectiva do letramento e podemos constatar esse fato através das observações em sala de aula em sua prática pedagógica, já a professora *Escrita* apresenta uma prática mais voltada para o processo de letramento, no entanto, com pouca frequência.

3.3. Análise dos questionários aplicados com os alunos

Além do questionário aplicado com as professoras da escola “PR”, aplicamos também um com os alunos das turmas observadas, com a finalidade de saber as concepções que estes têm sobre a prática de leitura e de conhecer o gosto e o modo como eles desenvolvem os processos de *Letramento* na sala de aula. Os quadros demonstram as respostas adquiridas com o referido instrumento de coleta de dados.

QUADRO1: O gosto pela leitura

Quando questionados se gostavam de ler, os alunos nos responderam da seguinte maneira:

Alunos da professora Leitura (base em 100% dos que responderam o questionário no 4º ano)	Alunos da professora Escrita (base em 100% dos que responderam o questionário no 5º ano)
- 70% gostam de ler	- 55% gostam de ler
- 0% não gosta	- 01% não gosta
- 30% mais ou menos	- 44% mais ou menos

Analisando a resposta dos alunos do 4º ano, vimos que o gosto pela leitura é bem dividido, sendo que 70% dos alunos gostam de praticar a leitura e 30% dos alunos gostam de praticar a leitura mais ou menos e nenhum apresentou antipatia pelo ato de ler. Já os alunos do 5º ano, foi mais dividido onde 55% dos alunos gostam de ler, 01% foi bem sincero e disse que não gosta de ler e os 44% dos alunos gostam mais ou menos de ler.

De acordo com Silva (2005), a leitura não só enriquece nosso vocabulário, como ajuda a melhorar nossas formas de expressão da linguagem verbal, tanto na forma oral como na escrita. As pessoas que lêem constantemente, têm mais facilidade para expor suas opiniões, as ideias fluem mais facilmente, logo, quantas mais diversificadas as leituras, mais críticos as pessoas se tornam.

Quando analisamos os 30% dos alunos do 4º ano e os 44% dos alunos do 5º ano compreendemos que a leitura está sendo praticada em meio termo, porém, os 70% dos alunos da professora *Leitura* e os 55% da professora *Escrita* gostam de ler, estes se tornarão sujeitos mais críticos e reflexivos e não terão grandes dificuldades em expressar suas ideias. Quanto ao 1% não gosta de ler, este tende a se tornar um sujeito não letrado: saberá ler, mas não evidenciará as práticas linguísticas em seu dia.

QUADRO 2: contato ou acesso a outros tipos de livros

Ao questionar se os alunos tinham acesso somente aos livros didáticos de português, matemática, história, geografia, ciências ou se tinham contato com outros tipos de livros, obtivemos os seguintes resultados:

Alunos da professora <i>Leitura</i> (base em 100% dos que responderam o questionário no 4º ano)	Alunos da professora <i>Escrita</i> (base em 100% dos que responderam o questionário no 5º ano)
- 65% sim e não citaram - 25% sim / livros de historinhas - 10% sim / revistas	- 70% sim / revista em quadrinhos - 10% sim / matemática do amor - 20% não

Todos os alunos do 4º ano afirmam que a professora utiliza outros tipos de materiais de leitura, sendo que 65% dos alunos não citaram quais tipos de materiais utilizado por ela, 25% afirmam que utiliza livros de historinhas e 10% dizem que ela utiliza também revistas. Em relação aos alunos do 5º ano, vimos que 70% dizem que sim, a professora utiliza revista em quadrinhos, 10% matemática do amor e 20% dos alunos nos responderem que a professora não utiliza outros tipos de livros com eles.

Segundo Solé (1998, p. 84) “é interessante que os alunos leiam diferentes tipos de textos na escola, que conheçam e se acostumem com diversas superestruturas”. É importante mostrar para os alunos que não existe apenas um tipo de texto, pelo contrário, há uma diversidade, desde os narrativos aos informativos, etc. E esta diversidade deve fazer parte das práticas de leitura dos alunos.

Diante dos dados acima, podemos verificar que as professoras *Leitura e Escrita* ao utilizarem outros tipos de livros na sala de aula, estão despertando e incentivando os mais variados tipos de textos e as diversas linguagens. Tal procedimento possibilita que os alunos poderão aprender de forma mais dinâmica e prazerosa.

QUADRO3: Quais os veículos de leitura que os alunos mais gostam de ler

Perguntamos aos alunos o que eles mais gostavam de ler, o quadro abaixo demonstram os resultados coletados:

Alunos da professora <i>Leitura</i> (base em 100% dos que responderam o questionário no 4º ano)	Alunos da professora <i>Escrita</i> (base em 100% dos que responderam o questionário no 5º ano)
- 40% gostam de ler livros - 60% gostam de ler revistas	- 22% gostam de ler livros - 78% gostam de ler revistas

Com base nas respostas dos alunos do 4º ano, 60% dos entrevistados apreciam a leitura pelos livros e 40% preferem a leitura das revistas. Já os alunos do 5º ano somente 22% gostam de ler livros e 78% gostam de ler revistas.

Dessa forma, percebemos que tanto os alunos do 4º e do 5º ano preferem as leituras trazidas pelas revistas.

QUADRO 4: os gêneros preferidos do alunado

Quando indagamos os alunos quais eram os gêneros que eles gostavam de ler, responderam dessa forma:

Alunos da professora Leitura (base em 100% dos que responderam o questionário no 4º ano)	Alunos da professora Escrita (base em 100% dos que responderam o questionário no 5º ano)
<ul style="list-style-type: none"> - 40% história em quadrinhos - 15% histórias de aventura e suspense - 25% contos de fada - 15% contos de terror - 05% história de amor 	<ul style="list-style-type: none"> - 15% história em quadrinhos - 10% história de aventura e suspense - 0% contos de fada - 26% contos de terror - 49% história de amor

Conforme apresenta o quadro, 40% dos alunos do 4º ano gostam de ler as histórias em quadrinhos, 15% preferem as histórias de aventura e suspense, 25% gostam de ler os contos de fada, 15% contos de terror e 05% optaram pelas histórias de amor. Em relação aos alunos do 5º ano o gosto foi bem diferente, sendo que apenas 15% dos entrevistados gostam de ler histórias em quadrinhos, 10% preferem as histórias de aventura e suspense, nenhum dos alunos optaram pelos contos de fada, já 26% escolheram os contos de terror e 49% preferem ler as histórias de amor.

No entanto, analisamos que os gêneros mais apreciados pelos alunos do 4º ano são as histórias em quadrinhos e dos alunos do 5º ano são as histórias de amor, gêneros bem diferentes que vão de acordo com as idades dos alunos.

Certamente o gosto dos alunos pelas histórias de amor e em quadrinhos se dá pela leitura emocional, onde Martins (2007) revela que este tipo de leitura tem a finalidade de provocar os sentimentos dos sujeitos. Neste tipo de textos o leitor se identifica com os personagens e com o que eles fazem.

Martins (2007, p. 85) [...] postula ainda: “Enfim, cada um precisa buscar o seu jeito de ler e aprimorá-lo para a leitura se tornar cada vez mais gratificante”. Dessa forma, não importa o gênero que os sujeitos lêem, mas os benefícios que a leitura os oferece.

QUADRO5: frequência com que as professoras trabalham a leitura e escrita em suas turmas

Ao questionar os alunos sobre a frequência que o professor costuma trabalhar a leitura e a escrita da turma, responderam da seguinte maneira:

Alunos da professora Leitura (base em 100% dos que responderam o questionário no 4º ano)	Alunos da professora Escrita (base em 100% dos que responderam o questionário no 5º ano)
- 100% três vezes por semana	- 100% todos os dias

Vimos que a frequência que as professoras trabalham a leitura e a escrita é diferente, a professora do 4º ano, “*Leitura*”, trabalha essa questão nos três primeiros dias da semana, no entanto, a professora do 5º ano, “*Escrita*”, trabalha essa questão todos os dias.

QUADRO6: A metodologia aplicada nas aulas de leitura e escrita

Tivemos a liberdade de perguntar para os alunos, se eles gostam da maneira como seu professor treina a leitura e escrita na turma onde estuda. A resposta está representada no quadro abaixo:

Alunos da professora Leitura (base em 100% dos que responderam o questionário no 4º ano)	Alunos da professora Escrita (base em 100% dos que responderam o questionário no 5º ano)

- 100% sim	- 100% sim
------------	------------

Todos afirmaram que sim, tanto os alunos do 4º ano como os do 5º ano gostam da maneira como as professoras trabalham a leitura e a escrita com eles, os alunos da professora *Leitura* afirmam que a mesma é gentil, paciente, explica bem os assuntos, é educada. Já os alunos da professora *Escrita* justificaram que gostam da maneira como ela treina a leitura e a escrita, pois quer que eles aprendam a ler e escrever corretamente, trazendo para sala de aula materiais diferentes, cuja finalidade deste processo é educar os alunos.

Segundo Silva (2008, p.79-80):

Vale destacar que para que a dinamização da leitura se realize, e ser despertado o prazer de ler nas crianças, é de extrema importância que o educador seja estimulado e incentivado, a todo momento, a buscar intensamente sua formação como leitor, pois é ele quem assume o papel fundamental no processo de formação de novos leitores.

Portanto, não basta querer que os alunos adquiram o hábito da leitura e da escrita, é preciso que o professor demonstre que em sua prática esse hábito é constante. O educador precisa demonstrar ainda, que se importa com a formação do educando.

QUADRO7: Acesso dos alunos a veículos de leitura em casa

Ao perguntarmos se os alunos têm acesso a livro, jornal ou revista em casa, os mesmos apresentaram as seguintes respostas:

Alunos da professora <i>Leitura</i> (base em 100% dos que responderam o questionário no 4º ano)	Alunos da professora <i>Escrita</i> (base em 100% dos que responderam o questionário no 5º ano)
---	---

- 55% livro / revista	- 40% livro
- 15% revista / livro / jornal	- 20% revista
- 30% responderam sim	- 15% revista / livro / jornal
	- 10% apenas responderam sim
	- 15% não

Todos os alunos da sala do 4º ano têm acesso a materiais de leitura em casa, sendo mais utilizados por eles o livro e a revista, poucos têm acesso a jornal em casa. A maioria dos alunos do 5º ano tem acesso somente a livro, em seguida ficaram as revistas, os 15% dispõemdo três suportes de leitura e 15% dos alunos não têm acesso a nenhum material de leitura em casa.

Neste sentido, Martins (2007, p. 25) “[...] no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros [...]”. Diante desse contexto, muitos alunos têm dificuldades de ler, por falta de materiais de qualidade, sendo que a maioria dos alunos só pratica a leitura na escola.

QUADRO 8: Materiais de leitura utilizados pelas professoras

Quando questionamos aos alunos quais materiais de leitura sua professora costuma utilizar nas aulas obtivemos os seguintes resultados:

Alunos da professora <i>Leitura</i> (base em 100% dos que responderam o questionário no 4º ano).	Alunos da professora <i>Escrita</i> (base em 100% dos que responderam o questionário no 5º ano)
- 70% livro de português	- 50% livro de português
- 30% livro de português e outros livros.	- 25% outros livros
	- 25% livro de português e outros livros

Conforme as respostas do quadro, 70% dos alunos do 4º ano afirmam que a professora *Leitura* utiliza o livro didático e 30% dizem que utiliza outros livros além dos de português. Já na sala da professora *Escrita*, 50% dos alunos responderam que ela utiliza somente o livro

de português, 25% afirmam que utiliza outros livros e os outros 25% afirmam que a professora utiliza não só o livro de português, mas também outros livros.

Não se ensina a gostar de ler e nem se forma alunos letrados através de exercícios de leitura e gramática. Os PCN's (1997, p. 55) dizem que:

É preciso oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

Desse modo entendemos que a leitura é mais significativa se for realizada através da diversidade de texto que circulam em nosso meio social, dessa forma a escola contribuirá para formação de leitores capazes de entender o uso real da leitura e da escrita.

QUADRO9: A concepção dos alunos sobre a importância da leitura

Foi necessário perguntar para os alunos se eles acham que ler é importante e que os mesmos justificassem, o quadro demonstra a resposta obtida. Vale lembrar que estas respostas foram agrupadas em baterias conforme de semelhança e transformadas em enunciados compilados, de acordo com o nosso entendimento:

Alunos da professora Leitura (base em 100% dos que responderam o questionário no 4º ano)	Alunos da professora Escrita (base em 100% dos que responderam o questionário no 5º ano)
<ul style="list-style-type: none"> - 15% sim - porque é importante - 40% sim- ajuda a ter um futuro melhor -15% sim - sem ela as pessoas não são nada -5% sim - sem a leitura não arranja trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> -30% sim - a gente se comunica com o mundo 20% sim - para ser alguma coisa na vida -30% sim - é importante e aprende muitas coisas 5% sim - sem a leitura não arranja bom trabalho

25% sim - porém não decifrei o código	-15% sim - porém não decifrei o código
---------------------------------------	--

Vimos que todos os alunos compreendem que a leitura é muito importante na vida de todos. E que diante das justificativas expostas, os alunos reconhecem que a leitura é essencial para o crescimento pessoal e profissional. Vale ressaltar que a justificativa de 25% dos alunos do 4º ano e 15% dos alunos do 5º ano não foi possível entender, devido à grafia ilegível.

Segundo Silva (2005, p. 64) “a leitura [...] passa a ser uma via de acesso a participação do homem nas sociedades letradas na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita” [...]. Só através da leitura e da escrita é que podemos participar das práticas do letramento.

A respeito da importância da leitura Martins (2005, p. 82) nos diz que “[...] para compreendê-la e para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo [...]”. Portanto, praticamos a leitura para satisfazer inúmeras funções sociais de nossa vida, daí sua intensa necessidade.

3.4. Visão da especialista (resultado da entrevista)

Realizamos uma entrevista com uma professora especialista em educação, que trabalha com o Letramento. O objetivo dessa coleta de dados foi ampliarmos nossa visão a respeito do tema estudado. As perguntas, e suas respectivas análises, serão apresentadas conforme as categorias abaixo:

CATEGORIA 1: O papel do professor alfabetizador

Indagamos à especialista sobre o papel do professor alfabetizador frente ao letramento discente. A mesma deu a seguinte resposta:

Além de criar um contexto de letramento na escola, é fundamental que o professor assegure aos educandos a apropriação do sistema alfabético e a condição de uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita. E isso implica trabalhar com os diferentes gêneros de textos que circulam socialmente, considerando que os mesmos oferecem um leque de possibilidades de uso real de leitura e escrita, para que os alunos pensem sobre a nossa língua e entendam como ela se organiza e funciona.

Ao analisarmos a resposta da especialista, verificamos que a mesma compreende o papel do professor alfabetizador frente ao letramento, uma vez que menciona a apropriação do sistema alfabético com o uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita.

Baseado nessa afirmação Simonetti (2007, p. 26) diz que “Alfabetizar, na perspectiva dos letramentos, significa então vivenciar com as crianças práticas de leitura e escrita e instrumentalizá-los para que estejam aptas ao uso das múltiplas linguagens em situações diversas”. Diante do exposto, alfabetizar na perspectiva do letramento é fazer com que a criança não só aprenda a ler e escrever, mas faça uso desse aprendizado no seu cotidiano.

A criança precisa ser alfabetizada convivendo com diversos materiais de qualidade para que possa perceber as múltiplas linguagens que circula na sociedade. Só assim, aprenderá a ler e escrever de forma significativa, sendo letrada e alfabetizada ao mesmo tempo.

Retomando a fala da professora, esse processo implica trabalhar com gêneros de textos que circulam socialmente e que oferecem um uso real da leitura e escrita, tendo em vista que trabalhar na perspectiva do letramento é relacioná-lo com o uso dos gêneros textuais. Neste âmbito, Bagno (2002, p. 54) advoga que “a língua se dá e se manifesta em textos orais e escritos para uso em situações concretas”. Os gêneros textuais envolvem as práticas de oralidade, escrita e também de leitura, estes são textos reais, que circulam na sociedade e desenvolvem a língua materna dos alunos, logo, cruciais no processo de letramento.

CATEGORIA 02: Os procedimentos didáticos trabalhados no contexto escolar

Quando perguntamos à educadora entrevistada como ela trabalha o letramento no contexto escolar, a mesma listou os seguintes procedimentos didáticos:

Leitura e produção dos diferentes gêneros de textos; atividades sobre as relações entre a língua oral e a língua escrita; criação de um “Cantinho de Leitura” para que as crianças tenham o maior contato possível com textos escritos que circulam socialmente; atividades de interpretação e compreensão de textos; atividade de reflexão sobre a escrita; rodas de conversa em que se tenha de manifestar opiniões sobre uma história lida pela professora; produção oral por meio de imagens; jogos pedagógicos, entre outros.

De acordo com que foi listado, vimos vários procedimentos a serem utilizados na perspectiva do letramento, estes têm a finalidade de desenvolver a oralidade, a leitura e a escrita nos alunos e assim formar leitores e escritores competentes, letrados e alfabetizados (SIMONETTI, 2007).

CATEGORIA 3: As dificuldades encontradas para alfabetizar e letrar no ensino fundamental

Sabemos que alfabetizar e letrar não constituem tarefa fácil, muitas são as barreiras e obstáculos enfrentados pelos professores. De acordo com a especialista entrevistada, suas principais dificuldades são a falta de materiais didáticos suficientes e falta de horário na própria escola para planejamentos e troca de experiências. Segundo a mesma, a rotina de trabalho e a escassez de recursos trazem sérios prejuízos ao trabalho do professor alfabetizador.

CATEGORIA 4: A teoria que fundamenta as boas práticas de letramento

Questionamos à entrevistada quais os autores que fundamentam sua prática docente e que auxiliam no trabalho de formar alunos letrados. Segundo a mesma, referências como *Ferreiro*, *Vygotsky* e *Gagliari* são de grande importância na preparação do professor alfabetizador, tendo em vista que trabalham, respectivamente, com os processo de aquisição da leitura e da escrita pela criança, os dispositivos cognitivos que esta precisa dispor para ser alfabetizada e o posicionamento do educador frente ao processo de letramento.

O desafio de alfabetizar e letrar passa por um caminho teórico, onde o educador recorre aos pesquisadores para fundamentar e justificar sua prática. Eles nos explicam como agir para que os alunos aprendam, quais procedimentos e materiais adequados a serem utilizados na prática pedagógica, bem como a postura do professor no espaço do letramento escolar.

CATEGORIA 5: Os fatores que ocasionam as dificuldades de leitura e escrita nas séries iniciais

Na prática docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, percebemos uma relevante situação: muitos alunos chegam ao final do 5º ano sem desenvolver, a contento, a leitura, a escrita e conseqüentemente, o letramento em sua forma plena. Para entendermos essa situação, foi necessário questionar os fatores que ocasionam esse quadro. A entrevistada respondeu:

O que contribui para essa problemática é que a grande maioria dos alunos não são alfabetizados na perspectiva do letramento.

A falta de acompanhamento dos pais.

Ausência de atividades motivadoras e desafiadoras para que o aluno sinta-se capaz de aprender, construir conhecimentos e dar sentido ao conteúdo que será apresentado.

Após analisarmos a resposta, percebemos que a mesma foi muito clara e objetiva, quando cita que essa problemática é ocasionada pelo fato de os alunos não serem alfabetizados na perspectiva do letramento. O posicionamento da entrevistada ilustra o pensamento de Soares (apud SIMONETTI, 2007, p. 23) em seu seguinte postulado:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita - a alfabetização, e pelo desenvolvimento de

habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita - o letramento [...]

Portanto, para formar sujeitos letrados é necessário que se associe esses dois processos, compreendendo que para sanar esse problema não é suficiente ensinar apenas a ler e escrever, mas é, sobretudo, levar a criança e o adulto a fazer uso da leitura e da escrita, isto é, através das atividades de letramento.

Outro ponto relevante citado pela especialista é a falta de acompanhamento dos pais, muitos pais acham que é dever da escola ensinar e o aluno aprender, porém sabemos que não é assim que formamos sujeitos letrados. A escola é determinada como um ambiente convencionado para aquisição da prática de leitura e de escrita, entretanto, ela sozinha não terá êxito, pois como afirma Simonetti (2007, p. 25) “a escola não formam leitores sozinha, mas que tem um papel fundamental é um lugar terminante para a formação de leitores” [...].

A terceira menção da professora refere-se à ausência das atividades motivadoras e desafiadoras para que o aluno sinta-se capaz de aprender, construir conhecimento e dar sentido ao conteúdo que será apresentado. Sabemos que muitos professores não procuram inovar suas práticas, preferem utilizar apenas o livro didático, com textos extensos e que não tem significado na vida dos alunos, os quais acabam desmotivados pela repetição das atividades de ler e escrever, mecânicas e não funcionais.

CATEGORIA 6: Os possíveis procedimentos para contornar a situação anterior

Na última pergunta a questionamos sobre alguns possíveis procedimentos para contornar a curto ou a longo prazo a situação anterior. Segundo a especialista, é necessário, dentre outros, obtivemos a seguinte resposta: Formação continuada que ofereçam aos professores conhecimentos inerentes ao processo de alfabetizar letrando; Encontros mensais com os pais para sensibilizá-los quanto à importância da participação na vida escolar dos filhos. E ainda, na concepção da educadora, “é necessário que os educadores conheçam melhor os seus educandos, com os seus respectivos interesses e motivações e repensem as práticas pedagógicas que envolvem a leitura e a escrita de textos em sala de aula.”

Conforme foi analisado anteriormente, vimos que a professora especialista apontou vários procedimentos para melhorar as práticas de letramento no contexto escolar, através de sua experiência atribui que letramento na escola é fundamental para desenvolver o uso da língua nas práticas de leitura e escrita através de diferentes gêneros que possibilitem aos alunos o uso real do ato de ler e escrever, para que pensem e entendam como se organiza e funciona a nossa língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de investigar se os profissionais de educação adotam o letramento na sua prática docente, contribuindo para a formação de escritores e leitores nas séries iniciais, constatamos, através dessa pesquisa, que os educadores não fazem uso frequente (ou adequado) dessa prática em sala de aula, pois o que prevalece é o ensino tradicional para a aquisição da escrita, no qual se prioriza conceitos e regras.

Através das aulas de Língua Portuguesa, percebemos a ausência do contato dos alunos com diferentes materiais que servem como suporte para desenvolver o processo da aquisição da leitura e da escrita no uso escolar, bem como no uso social.

Concebemos que o letramento deve ser introduzido neste contexto para que o sujeito possa interagir na sociedade de modo competente e eficaz, pois a mesma requer sujeitos letrados que saibam praticar a leitura e a escrita de modo ativo no seu cotidiano. Dessa forma, é preciso que os educadores adotem o letramento em sua prática docente, adquirindo novos procedimentos de ensinar a ler e escrever, propondo uma leitura real e rica, utilizando diversos materiais como jornal, rótulos, revistas, cartas, receitas e outras fontes que fortaleça o ato de ler e escrever nesses dois ambientes.

Notamos também que os alunos não se interessam em praticar a leitura na sala de aula, embora reconheçam a importância dela em sua vida, levamos a crer que essa falta de interesse está relacionada com a maneira como o professor trabalha a leitura, pois geralmente fazem com que os alunos realizem uma leitura superficial, decifrando apenas os sinais para responderem os exercícios dos textos, não levam os educandos a fazerem reflexões e questionamentos das ideias principais contidas no texto, a fim de torná-los leitores críticos.

Das duas professoras observadas, constatamos que apenas a professora *Escrita* faz uso do letramento nas aulas de língua portuguesa, ainda que de forma insuficiente, já a professora *Leitura*, mesmo afirmando fazer uso do termo acima, não trabalha essa prática em sala de aula, quando faz alguma atividade relacionada à leitura e à escrita, se prende somente ao livro didático.

Através da entrevista com a professora especialista, verificamos em sua fala que os alunos adquirem a prática da leitura e da escrita de maneira fragmentada, pelo fato de não

serem alfabetizados na perspectiva do letramento, pois muitos teóricos que tratam dessa ação confirmam que para formar sujeitos letrados é preciso que a escola direcione um trabalho voltado para a formação de sujeitos críticos, reflexivos e participativos na sociedade de forma consciente de suas ações.

Acreditamos que a pesquisa nos levou a perceber a importância do letramento no contexto escolar, pois é por meio dele que o aluno caminha para a sua prática de interação na sociedade da qual está inserido. Para que os alunos tenham acesso a um ensino-aprendizagem de maneira significativa, é preciso que a escola, junto com os professores, busque uma prática de ensino que insira o letramento, adequando o ambiente escolar para realizar um trabalho voltado para a formação de cidadãos críticos na sociedade.

Só conseguiremos formar sujeitos letrados, se a escola estiver voltada para a realidade dos alunos, tornando-se democrática e organizada, valorizando-os e acreditando na sua capacidade de aprender, estimulando seu sucesso e progresso, enfim, que contribua para a formação de sujeitos autônomos, críticos e participativos na sociedade.

É importante ressaltar que a abordagem refletida na realização deste trabalho foi de caráter bucólico, porém significativo para a contribuição e incentivo de pesquisas futuras que desejam uma maior cogitação e aprofundamento sobre o termo *letramento*, pois muito tem ainda que ser estudado e compreendido.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alfabetização e Linguagem. **Pró Letramento**. Programa de Formação Continuada de Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

BAGNO, Marcos; STUBBES, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

BIZZOTO, Maria Inês; AROEIRA, Maria Luisa; PORTO, Amélia. **Alfabetização Linguística da Teoria à Prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bú: Pensamento e Ação no magistério**: São Paulo: Scipione, 1998.

CALEFFE, Luiz Gonzaga; MOREIRA, Herivelto. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar. Um diálogo entre a teoria e a prática**. 3ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 6ª. Ed. São Paulo: Martins Fonte, 2007.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Linguagem e letramento em foco Linguagem nas séries iniciais**. 2005.

KLEIMAN, Ângela B. **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização**. WWW.letramento.iel.unicamp.br. Acesso em: 29 de outubro, 2011.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. Ed. 5. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARTINS, Kelly Cristina Costa; ESPÍNDOLA, Ana Lucia. **Alfabetização e letramento na escola**: Práticas Possíveis? <http://alb.com.br/> acessado em: 08 de novembro, 2011.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 9ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 25. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007.

PONTE, João Pedro. **O estado de caso na investigação em educação matemática**. Disponível em: [HTTP://www.educ.fc.ul.pt/doentes/jponte/docs-pt/94-Quadrante \(Estudo 20% caso\). doc](HTTP://www.educ.fc.ul.pt/doentes/jponte/docs-pt/94-Quadrante%20(caso).doc)>. Acesso em: 14 de novembro. 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. Ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Jaqueline Luzia de. **Letramento**: uma prática em busca da (re) leitura do mundo. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2009.

SIMONETTI, Amália. **O Desafio de Alfabetizar e Letrar**. 2ª. Ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema em três gêneros. 2. Ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.

SOLÉ, Isabel. (trad.) Cláudia Schilling. **Estratégia de leitura**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos**, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TARTUCE, Terezinha de Jesus Afonso. **Normas e Técnicas para trabalhos acadêmicos**. Fortaleza, CE: UNICE, 2008.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

APÊNDICES



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA
PLENA EM NORMAL SUPERIOR



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ilustríssimo(a) Senhor(a) Diretor(a) da Escola

Apresentamos a esta instituição de ensino a acadêmica **Eline Silva Carvalho**, graduanda do 6º período do Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior da UESPI – Universidade Estadual do Piauí, para que possa desempenhar, sob a orientação do Profº José Marcelo Costa dos Santos, atividades referentes à pesquisa de campo a qual integrará o processo de elaboração da dissertação monográfica da referida acadêmica. Informamos que projeto de investigação em pauta será realizado mediante os seguintes procedimentos: aplicação de questionário e observação da prática docente nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Certos de que esta atividade compreende um processo de troca de experiências entre a Universidade (locus de formação teórica) e a Escola (locus de formação teórico-prático), favorecendo a percepção e análise da realidade escolar como princípio educativo no estabelecimento da relação trabalho e educação, e tendo em vista sua valorosa colaboração antecipamos votos de estima e agradecimento.

Parnaíba, 26 de setembro de 2011.

Profº Dr. Filipe Augusto G. de Melo
Coordenador do Curso Normal Superior – UESPI

UESPI



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ilustríssimo(a) Senhor(a) Professor(a), sou a acadêmica **Eline Silva Carvalho**, graduanda do 6º período do Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior da UESPI – Universidade Estadual do Piauí, e venho a este estabelecimentos de ensino, sob a orientação do Profº José Marcelo Costa dos Santos, para desempenhar atividades referentes à pesquisa de campo (a qual servirá de base para a composição de minha dissertação monográfica em conclusão à referida graduação), sob a forma de aplicação de questionário e observação da prática docente nesta turma.

Aproveitamos a oportunidade para esclarecer que, sob nenhuma hipótese, serão divulgados o nome da instituição, o nome do(a) nobre professor(a), bem como o de seus educandos. Os dados aqui coletados serão tratados sobre ordem de sigilo e ética profissional, resguardando assim a identidade dos envolvidos na pesquisa.

Certos de que esta atividade se constitui em um espaço de troca de experiências entre a Universidade (lócus de formação teórica) e a escola (lócus de formação teórico-prático), favorecendo a percepção e análise da realidade escolar como princípio educativo no estabelecimento da relação trabalho e educação, e tendo em vista sua colaboração antecipamos votos de estima e consideração.

Questionário: Professor

1 – Dados Referenciais

- a) Nome _____
- b) Instituição a qual pertence _____
- c) Formação:
- () Especialização concluída Área: _____
- () Especialização em andamento Área: _____
- () Graduação concluída Área: _____
- () Graduação em andamento Área: _____
- d) Há quantos anos leciona? _____
- e) Há quantos anos atua nas séries iniciais? _____
- f) Atualmente, sua situação nesta escola é: () efetivo () contratado
- g) Coursou o está cursando alguma capacitação com enfoque em Letramento? () sim () não

2 – De acordo com Magda Soares “Letramento é o resultado da ação de ensinar a ler e escrever”. Como você, educador (a) do século XXI, concebe o Letramento?

4 – Segundo Kleimam, o letramento envolve participação do educando nas práticas sociais de leitura, as quais envolvem diferentes atividades como, por exemplo: enviar e receber cartas, comentar notícias, recomendar e criticar livros, etc. Você utiliza ou já utilizou alguns destes procedimentos em sua prática docente? Qual(is)? Caso utilize ou já tenha utilizado, comente brevemente o processo de desenvolvimento de tais procedimentos.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA – PARNAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM
NORMAL SUPERIOR



5 – Além das atividades citadas acima, que outros procedimentos são utilizados por você no processo de letramento dos seus alunos? Justifique.

6 – Seus alunos conseguem ler e interpretar os gêneros que lhes são apresentados nas aulas? Quais as principais dificuldades que os mesmos apresentam durante estas atividades?

7 – Discorra sobre as técnicas e/ou procedimentos de intervenção que você utiliza para sanar as dificuldades dos seus educandos no que diz respeito ao Letramento?

8 – Mediante as técnicas e/ou procedimentos citados por você na questão anterior, comente os resultados obtidos a pedagogia desenvolvida em sua sala de aula? Quais os pontos positivos? E o que precisa ser melhorado?

9 – Com que frequência você trabalha a leitura e a escrita (aspectos fundamentais no processo de letramento) dos seus alunos?

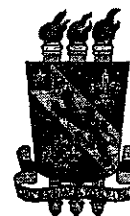
- () Todos os dias
- () Três vezes por semana
- () Uma vez por semana
- () Outro _____

Gratos pela colaboração!

UESPI _____



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA – PARNAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM
NORMAL SUPERIOR



Trabalho de Conclusão de Curso: Questionário para os alunos

1 – Dados Referenciais

a) Nome _____ b) Idade _____ Série: _____

2 – Você gosta de ler?

() sim () mais ou menos () não

3 – Na sua sala de aula, você tem acesso somente aos livros didáticos (português, matemática, história, geografia, ciências) ou tem contato com outros tipos de livros? Quais?

4 – O que você gosta mais de ler?

livro () jornal revista () outro _____

4 – Quais são os gêneros que você mais gosta de ler?

- () Histórias em quadrinhos
() Histórias de aventura e suspense
() Contos de fadas
() Contos de terror
() Histórias de amor
() Outros tipos _____

5 – Em sua sala de aula, com que frequência seu professor costuma trabalhar a leitura e a escrita da turma?

- () Todos os dias
() Três vezes por semana
() Uma ou duas vezes por semana
() Só de vez em quando

6 – Você gosta da maneira como seu professor treina a leitura e a escrita dos alunos da turma onde você estuda? Justifique.

7 – Você tem acesso a livro, jornal ou revista em casa?

8 – Quais materiais de leitura sua professora costuma utilizar?

() livro de português () outros livros () outros materiais _____

9 – Para você, ler é importante? Justifique.

Gratos pelas informações!

UESPI _____

Av. Nossa Senhora de Fátima – S/N – Bairro: Fátima – 64202-220 – Parnaíba – PI

Telefones: (86) 3321 1800 / 3321 1233 - Fax: 3321 1825



Roteiro de Entrevista: Especialista

Informações Curriculares

Nome: _____

Pós-graduação lato sensu

Instituição _____

Curso _____

Ano de conclusão _____

Instituição _____

Curso _____

Ano de conclusão _____

Formação Acadêmica

Instituição _____

Curso _____

Ano de conclusão _____

Instituição _____

Curso _____

Ano de conclusão _____

Formação Complementar (cursos de capacitação/aperfeiçoamento com carga horária mínima de 120 horas, preferencialmente voltados ao letramento)

Instituição _____

Curso _____

Ano de conclusão _____

Instituição _____

Curso _____

Ano de conclusão _____

Atuação Profissional (quantidade de anos)

Educação Infantil _____ Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano _____

Endereço profissional atual

SEDUC / Prefeitura de Parnaíba-PI SEDUC / Prefeitura de Ilha Grande-PI

SEDUC / Governo do Estado do Piauí Rede de Ensino Particular

Outro _____

Função que exerce atualmente

Gestor Coordenador Docente

Outra _____

UESPI _____

Av. Nossa Senhora de Fátima – S/N – Bairro: Fátima – 64202-220 – Parnaíba – PI

Telefones: (86) 3321 1800 / 3321 1233 - Fax: 3321 1825



Roteiro de Perguntas

1. O letramento constitui-se no processo de aquisição e desenvolvimento da Língua Materna no âmbito da escrita, leitura e oralidade; logo, requer uma prática docente funcional que possibilite tal processo. Neste sentido, e com base nos estudos acerca do Letramento, qual o papel do professor alfabetizador frente ao letramento discente?
2. Descreva, mediante listagem de procedimentos didáticos, como você trabalha o letramento no contexto escolar?
3. Quais dificuldades você encontra na escola para alfabetizar e letrar nos anos iniciais do Ensino Fundamental?
4. Quais autores fundamentam sua prática docente e o(a) auxiliam no trabalho de formar alunos letrados?
5. Na prática docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, percebemos uma relevante situação: muitos alunos chegam ao final do 5º ano sem desenvolver, a contento, a leitura, a escrita e consequentemente, o letramento em sua forma plena. Quais fatores ocasionam este quadro?
6. Aponte as iniciativas e/ou possíveis procedimentos para que a situação descrita no item anterior seja contornada a curto ou longo prazo.

ANEXOS



TERMO DE CONCESSÃO

Eu, Francinete Celes da Silva, pelo presente termo, permito à **Eline Silva Carvalho**, acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, a divulgação em seu Trabalho de Conclusão de Curso, das minhas considerações a respeito da entrevista dada à referida acadêmica sobre a temática: LETRAMENTO – UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE ESCRITORES E LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS, bem como as informações referentes ao meu perfil profissional concedidas no momento da entrevista. Todavia, a presente concessão restringe-se exclusivamente ao trabalho mencionado acima, ficando vetadas quaisquer outras formas de utilização dos questionamentos por mim proferidos durante a entrevista, em produções alheias ao meu prévio conhecimento e aceitação.

Ilha Grande, 20 de outubro de 2011.

Francinete Celes da Silva
Entrevistado (a)

Testemunha

Eline Silva Carvalho
Acadêmica responsável pela Entrevista

UESPI

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM NORMAL SUPERIOR

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, Michele Jacqueline Carvalho Pereira,
graduado(a) em Licenciatura plena em Letras Inglês pela
Universidade Estadual do Piauí, pelo presente termo,
assumo a autoria da tradução do resumo monográfico da acadêmica
Éline Silva Carvalho, da Língua Portuguesa para Língua
Inglês, dentro das normas e padrões de coerência, coesão e ortografia do referido
idioma estrangeiro.

Parnaíba, 26 de 11 de 2011.

Michele Jacqueline Carvalho Pereira
Responsável pela tradução

UESPI _____

Av. Nossa Senhora de Fátima - S/N - Bairro: Fátima - 64202-220 - Parnaíba - PI

Telefones: (86) 3321 1800 / 3321 1233 - Fax: 3321 1825